

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/356167191>

Análise do socioleto dos descendentes lusoafrianos no filme Zona J

Chapter · November 2021

CITATIONS
0

READS
94

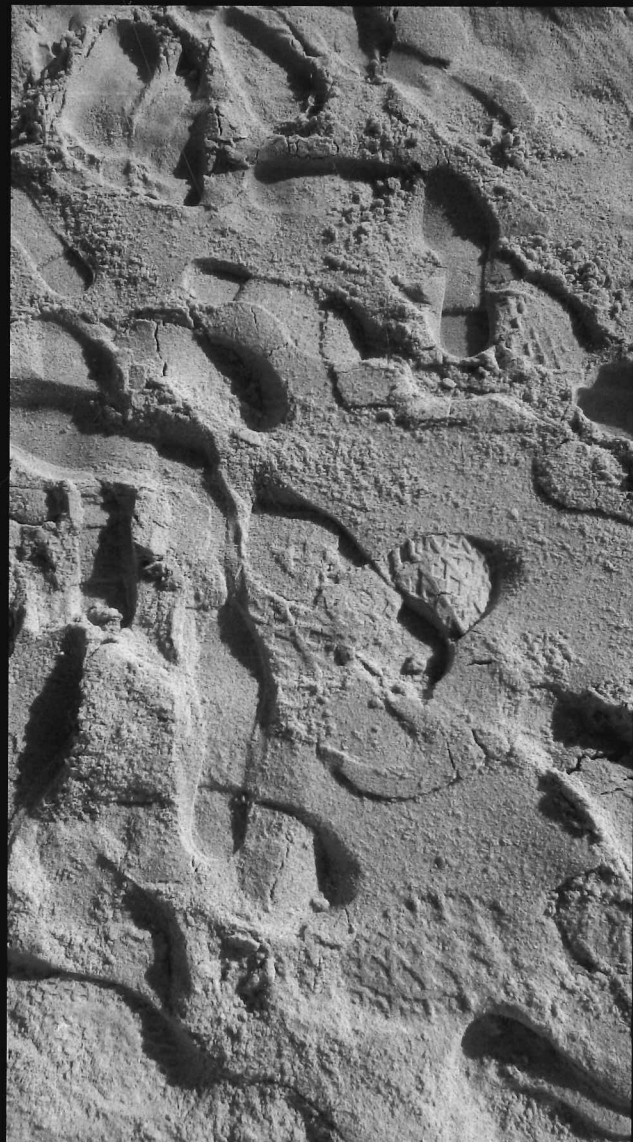
1 author:



[Iva Svobodova](#)
Masaryk University

65 PUBLICATIONS 28 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



COORDENAÇÃO

Maria Beatriz Rocha-Trindade, Rui Soares

PROVÉRBIOS - UMA LINGUAGEM SEM FRONTEIRAS

FICHA TÉCNICA

Título: PROVÉRBIOS – UMA LINGUAGEM SEM FRONTEIRAS

Autores: Aida Batista, Emmanuelle Afonso, Fernanda Frazão, Filipe Pires, Irina Zimonyi-Kalinyina, Isabelle Simões Marques, Iva Svobodová, Luís Cardoso Noronha, Luísa Tiago de Oliveira, Lurdes Patrício, Marinela Soares, Rui Soares; João C.R.M. Silva Caldeira, Maria Helena Carreira

Coordenação: Maria Beatriz Rocha-Trindade, Rui Soares

Concepção, Paginação: Rui Soares

Capa: Nuno Bispo

Foto da capa: Rui Soares

Foto da capa - *Movimento, Diversidade, Comunicação*

Num mundo em que as diversidades se recortam e onde a mobilidade é permanente, a comunicação intensifica a transmissão de conhecimentos.

Apoios / Parcerias: AIP -IAP/CUP-T, SGL

Edição: Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology (AIP-IAP)

Rua da Galeria, nº 9 A / 8800-329 Tavira

Tel: 281 321 106 – Tlm: 919 629 699

Email: aipiap.tavira@gmail.com

Website: www.aip-iap.org

Execução Técnica: Tipografia Tavirense, Lda.

Rua Maria Campina, Bl. B, Lt. 4, c/v Dta. / 8800-412 Tavira

Tel. 281 322 622

Email: geral@tipografiatavirense.com

Depósito legal: 490431/21

ISBN: 978-989-53302-1-8

Data: Outubro 2021

Tiragem: 150

Copyright ©: AIP-IAP

Direitos reservados segundo a lei em vigor

LINGUAGEM DOS DESCENDENTES LUSOAFRICANOS NO FILME ZONA JOTA

Iva Svobodová

Resumo

O objetivo da nossa palestra é falar sobre a linguagem dos descendentes dos imigrantes *luso-africanos*, que formam um grupo populacional muito especial. Trata-se de jovens que, para além de tudo, vivem como se num terceiro espaço, situado entre dois mundos: entre o lar onde nasceram, cresceram, onde foram educados pelos pais de naturalidade e cultura diferentes, e o mundo que os rodeia e com o qual, também, se identificam dificilmente. Pelos hábitos culturais e linguísticos aproximam-se do estilo de *hiphop* e de *rap*, recorrendo, ao mesmo tempo, ao uso de meios linguísticos particulares, compartilhados só pela sua comunidade e que poderíamos definir, igualmente, como socioleto.

O nosso objetivo é descrever, o mais exatamente possível, as especificidades da sua linguagem, a partir do filme *Zona Jota*. Com base nos diálogos criamos um corpus linguístico que submetemos, à continuação, a uma análise quantitativa e qualitativa. Este estudo revelou-nos uma elevada frequência de palavras vulgares, populares, informais, palavras de origem inglesa, francesa ou africana, muitas vezes morfológicamente adaptadas ao sistema da língua portuguesa (o *brother*, o *people*, etc.).

Já sou como sou há muitos anos
O ego é o maior causador dos nossos danos
Nós somos humanos, castigamos e inventamos
E perdemos mais do que aquilo que damos
(*Sam the Kid, Lágrimas, 1999*)

Ao erguermos a vista, não vemos as fronteiras

Análise do socioleto dos novos luso-africanos no filme Zona J

No presente artigo pretende-se demonstrar como a diluição das fronteiras entre as diferentes culturas pode influenciar a identidade das comunidades étnicas minoritárias. Tal fenómeno pode ser observado, por exemplo, no caso dos novos luso-africanos nos anos noventa do século passado. É, precisamente, a confluência das diversas componentes culturais e linguísticas, que origina a sua identidade e o seu socioleto

como prova o filme *Zona J* de Leonel Vieira, que foi produzido em 1998. Com base nos diálogos, que acompanham a sua linha argumental, ilustramos a forma como os diferentes espaços, entre os quais passa a vida desta comunidade, se repercutem no carácter híbrido da sua linguagem, constituída das mais variáveis camadas lexicais e impregnada de expressões de diferentes origens culturais. Estas serão, na nossa pesquisa, submetidas a uma análise mais detalhada e isso tanto qualitativa como quantitativa. A cultura hip-hop, o breakdance e o rap, que influenciam, marcadamente, a vida e a língua desta comunidade, levam, ao mesmo tempo, a afastá-la não só do resto da sociedade portuguesa, na época observada, como também dos seus ascendentes familiares. A diversificação geracional cultural e social dos primeiros imigrantes luso-africanos em Portugal é, também, um dos aspetos abordados na nossa análise, e será justificada pelo contexto da sua integração na sociedade recetora.

1. Introdução

O filme *Zona J* de Leonel Vieira (1998), que trata da vida dos novos luso-africanos, impele, naturalmente, a refletir sobre uma série de aspetos relativos à vida sociocultural desta parte da sociedade portuguesa num momento de viragem da sua história migratória. De facto, é só nos anos sessenta que Portugal recebe os primeiros *imigrantes* e procura respostas a questões que nunca tinham sido colocadas. Entende-se, naturalmente, como, aliás, muitos estudos provam em relação a Portugal (p. ex. Machado 1994, Santos e Faria 2008, Ortiz 2013, Piccini 2016, Pimentel 2006), que a falta das experiências com o acolhimento de imigrantes pode ter em consequência uma data de problemas de difícil solução. Entre eles, o racismo, a discriminação, a pobreza, a violência e a criminalidade, considerados tabu pela sociedade portuguesa ainda nos anos noventa. Mas com tempo e perseverança, tudo se alcança. Já em 2016, Portugal, é considerado o segundo melhor país europeu a receber e a integrar imigrantes, segundo o estudo internacional MIPEX ¹. Em 2021, O Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, assinala o Dia Internacional Contra a Discriminação Racial e, no site oficial de Belém, exalta o lugar de Portugal como país de acolhimento aberto, universal e ecuménico ². Ao mesmo tempo, as instituições académicas definem a língua

portuguesa como língua de integração em contexto de migração e como instrumento de acolhimento (p. ex. O Instituto Internacional da Língua Portuguesa, em 2017, organizou o evento *Em língua Portuguesa abraçamos a integração*, com que iniciou uma série de conferências e workshops intitulados *Ensino de Português como Língua de Acolhimento* ³). Quanto à Zona J, antecipe-se o nome de Samuel Mira mais conhecido como Sam the Kid ou como o herói de Chelas. É um ideal comum dos novos luso-africanos (como mostra o filme *Zona J*) que passou a vida no bairro de Chelas e, hoje em dia, é coautor de vários projetos da sua revitalização. O seu principal objetivo é valorizar o bairro e os seus habitantes através de atividades desportivas, culturais ou laborais, sugerindo até o *rebranding* do próprio topónimo, para acabar com os infundáveis preconceitos que existem sobre o sítio, a ser designado, cada vez mais, pelo nome da freguesia de que faz parte, i.e., Marvila ⁴.

Apesar de um evidente avanço na solução das questões-chave associadas à integração dos imigrantes, é o nosso objetivo olhar três décadas para trás para relembrar alguns fragmentos mais complicados da vida dos filhos dos primeiros imigrantes e, ao mesmo tempo, para mostrar o peso que as circunstâncias da vida tiveram no seu *modus vivendi*, repugnado pela sociedade por vários motivos. Um deles era o afastamento dos estereótipos culturais e sociais, criados, na altura, pela sociedade recetora e decorrentes de uma série de outros fatores pouco favoráveis, como era, por exemplo, a escolaridade não concluída, a posição pouco estável no mercado de trabalho e, daí uma maior percentagem de pessoas que ficaram sem emprego. Todas estas circunstâncias levaram a um comportamento social situado fora da norma-padrão e reforçaram a barreira na inclusão social.

Como o título do filme indica, a comunidade por nós analisada provém da parte suburbana de Lisboa denominada Zona J, que faz parte do bairro de Chelas e é conhecido pelos piores motivos como veremos adiante. Compararemos o grau de integração das suas duas gerações e, no caso da geração mais nova, referir-nos-emos aos problemas relacionados com a sua adaptação social, inclusive com a procura da identidade. Esta questão, que é, em geral, muito vasta e muito complexa, no caso desta nova geração, atinge uma dimensão especial: como já antecipámos no resumo, a sua

vida se perfila num terceiro espaço em que confluem diferentes valores culturais: não só os da sociedade acolhedora e do país de origem (dos seus pais) como também os valores defendidos pelos seus homólogos afroamericanos com quem, estes novos luso-africanos, de facto, partilham as mesmas experiências, os mesmos olhares, as mesmas atitudes e, adotando o mesmo estilo de vida.

A mistura de todas estas componentes culturais leva a criar, ao mesmo tempo, a sua própria linguagem, que, por possuir propriedades específicas dentro desta comunidade, poderia ser designada pelo termo *socioleto*⁵. O socioleto, enquanto uma variante diastrática da língua, é utilizado por um grupo ou por uma classe social socialmente homogénea (os seus membros têm, por exemplo, a mesma origem, pertencem à mesma faixa etária, têm os mesmos interesses, etc.) (cf. Trudgill 2003, Hubáček & Krčmová 2017, Beline 2004). As variantes sociolinguísticas da língua (às vezes denominadas também como *dialetos sociais*) incluem diferentes camadas lexicais estilísticas, sobretudo, as palavras semioficiais ou informais (entre eles, o calão e a gíria), neologismos, abreviações ou alcunhas, isto é, elementos de identificação social que podem ser usados pelos falantes, a propósito, para explicitar a pertença a um determinado grupo social.

É o filme *Zona J* (Vieira, 1998) que deixa bem testemunhado o socioleto destes jovens luso-africanos, situado nos anos noventa do século passado. Sendo assim, a nossa análise poderia ser considerada como desatualizada, mas, ao mesmo tempo, podemos afirmar que a linguagem desta comunidade apresenta tendências muito semelhantes àquelas que se verificam ainda nas décadas posteriores, como, por exemplo, prova o filme *Li Ké Terra* (Reis, Guerra, Baptista 2010) ou o próprio *Hip Hop Tuga – hip-hop português*.

Quanto à metodologia, o *corpus* por nós estudado consiste na recolha dos diálogos que decorrem entre os membros da comunidade-alvo. Focalizámos, sobretudo, na análise lexical e semântica do seu vocabulário, abordando, igualmente, alguns aspetos morfológicos que acompanham a adoção dos estrangeirismos pelos mesmos. Completámos a parte qualitativa da análise pela comparação quantitativa das diferentes componentes que perfazem a parte essencial da sua linguagem. Sendo assim, o nosso

trabalho terá duas partes principais. Na primeira parte descreveremos o contexto da imigração luso-africana e esclareceremos a posição da dita comunidade na sociedade portuguesa. Na segunda parte, apresentaremos os resultados da análise quantitativa e qualitativa, que vão contribuir para uma descrição mais detalhada da linguagem destes jovens luso-africanos.

Começemos, então, pelo tema de evolução da imigração africana dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP).

2. Imigrantes luso-africanos

De acordo com F. L. Machado (2009) e segundo os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal, o número dos imigrantes africanos dos países PALOP em Portugal cresceu entre 1980 e 2007, como mostra a seguinte Tabela 1, predominando, em todos os anos, os imigrantes de origem cabo-verdiana, como prova a Tabela 2.

Ano	Número de imigrantes	Ano	Número de imigrantes
1980	23 776	1994	68 945
1981	23 835	1995	75 316
1982	24 590	1996	77 114
1983	27 633	1997	77 600
1984	29 998	1998	78 291
1985	32 719	1999	85 200
1986	36 799	2000	93 506
1987	37 665	2001	116 966
1988	38 900	2002	130 562
1989	41 114	2003	135 709
1990	43 297	2004	139 072
1991	45 795	2005	142 321

1992	49 713	2006	139 379
1993	52 883	2007	136 694

Tabela 1: Evolução numérica da imigração africana dos PALOP (1980-2007)

Fontes: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e Rocha-Trindade (2001)
apud Machado (2009, p. 167)

Ano →	1980	1990	1995	2000	2007
Origem ↓					
Cabo-Verde (CV)	21 022	28 796	38 746	47 093	63 925
Angola (ANG)	1 482	5 306	15 829	20 416	32 728
Guiné-Bissau (GUI)	678	3 986	12 291	15 941	23 733
São Tomé e Príncipe (ST)	n.d.	2 034	4 082	4 809	10 627
Moçambique (MOÇ)	594	3 175	4 368	4 502	5 681
Total	23 776	43 297	75 316	92 761	136 694

Tabela 2. Número de imigrantes dos PALOP em Portugal (1980-2007)

Fontes: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; Rocha-Trindade (2001); para os anos de 1980, 1990 e 1995; Estatísticas Demográficas para os santomenses, em 1990 e 1995 *apud* Machado (2009, p. 168)

Conforme Machado (2009), no mesmo período, os imigrantes dos países africanos da língua portuguesa constituíram 30% e, em alguns anos, até 40% do total dos imigrantes. Hoje em dia, porém, segundo o Gabinete de Estratégia e Estudos (República portuguesa¹), o seu peso relativo é de apenas 16,95%. Isso devido aos novos fluxos de imigrantes que vêm, principalmente, do leste da Europa e do Brasil.

Sendo a questão de imigração e de integração muito complexa, limitar-nos-emos a abordar apenas aqueles aspetos que consideramos essenciais para a descrição do grupo social que é o objeto da nossa pesquisa. Para a sua melhor descrição, partimos, nesta fase da pesquisa, dos trabalhos de Machado (1994, 2009) que divide a imigração africana em três fases. A primeira situa-se no período anterior ao ano de 1974, a segunda, depois de 1974, e, a terceira, nos anos noventa do século passado (cf. Machado 1994. 2009).

A primeira fase, que se realizou ainda antes de 1974, i.e., nos anos sessenta, inclui uns pequenos grupos de imigrantes cabo-verdianos, que obtiveram a nacionalidade portuguesa, integraram-se na sociedade, chegando a ocupar lugares médios e altos na hierarquia social em diferentes setores de trabalho, que surgiram com a saída massiva dos portugueses (1,6 milhões) entre 1955 – 1974. Machado (1998) recomenda não utilizar o conceito de imigração no caso destes primeiros grupos, e isso pelos motivos da sua integração na sociedade e, também, e por eles não terem o projeto de regresso.

A segunda fase, segundo o mesmo autor, corresponde ao período de independência das ex-colónias africanas e, aos anos 80. Nesta altura, chegam a Portugal famílias de origem africana junto com os retornados que viviam em África durante o período de independência. Em 1989, registam-se 23 776 imigrantes luso-africanos, sendo a maior parte deles de origem cabo-verdiana (CV), mas, parcialmente, também, luso-angolana (ANG), guineense (GUI) e moçambicana (MOÇ) (total: 23 776 = CV- 21 022, ANG – 1782, GUI – 678, ST -, MOÇ 594). Como vemos, o número dos imigrantes, nesta segunda fase, aumenta, e, em 1989, chega a atingir a soma de 41 114, o que leva, naturalmente, à sua maior diversificação. Quanto à nacionalidade, nem todos conseguem tornar-se portugueses. Uma certa vantagem têm-na os que tiveram ascendentes ou familiares em Portugal ou que ocuparam as posições de administração nas ex-colónias ⁷. Nem aqui é, segundo F. L. Machado (1998), apropriado usar o termo de imigração, porque a maior parte destas pessoas não pretende regressar para os seus países, pelo menos, num futuro próximo.

A terceira fase inicia-se nos anos noventa e representa os maiores afluxos de imigração africana. Como se pode reparar nas Tabelas 1 e 2, em 2007, há 136 694 imigrantes africanos dos países PALOP (total: 136 694 = CV - 63 925, ANG - 32 728, GUI - 23 733, ST - 10 627, MOÇ - 5 681), sendo o peso relativo de todas a nacionalidades mais elevado do que nos anos anteriores. Segundo Machado (1998), trata-se de uma fase puramente imigrante, motivada, sobretudo, economicamente. Os setores de trabalho principais são: a construção da obra civil e os serviços de limpeza. Estas pessoas pretendem regressar para os seus países depois de ganharem o dinheiro suficiente para criarem melhores condições de vida.

Importa salientar que, nas primeiras duas fases, Machado propõe substituir o termo *imigrantes* pelo conceito *lusu-africanos*. O que leva a distinguir os dois grupos são os seguintes critérios:

- Tempo da vinda a Portugal (os *lusu-africanos* chegam a Portugal nas primeira e segunda fases);
- Portugal como o primeiro destino (dos *lusu-africanos*);
- Grau de fixação (os *lusu-africanos* não pretendem regressar para os seus países);
- Condições sociais (os *lusu-africanos* alcançam, na hierarquia social, o nível médio e alto);

		Luso-africano	Imigrante
analfabetismo		12 %	45 %
formação universitária		10 %	0,5 %
setor de trabalho	construção da obra	13 %	50 %
	serviços públicos	42 %	-
	outras profissões	16 %	-
morada		Centro de Lisboa, Olivais, Lapa, Benfica, Amoraís	Amadora, Charneca, Chelas

- Formação (os *lusu-africanos* possuem, muitas vezes, também, para além da formação secundária, também a universitária);
- Analfabetismo (os *lusu-africanos* representam uma menor percentagem de analfabetismo);
- Lugar de morada (a maior parte dos *lusu-africanos* vive no centro de Lisboa, Amadora, Olivais, Lapa). Uma parte, no entanto, também chega a Chelas, onde se concentram, principalmente, os imigrantes.

Veja-se os dados mais aproximados na Tabela 3:

Tabela 3: Comparação sociológica dos lusu-africanos versus imigrantes nos anos noventa

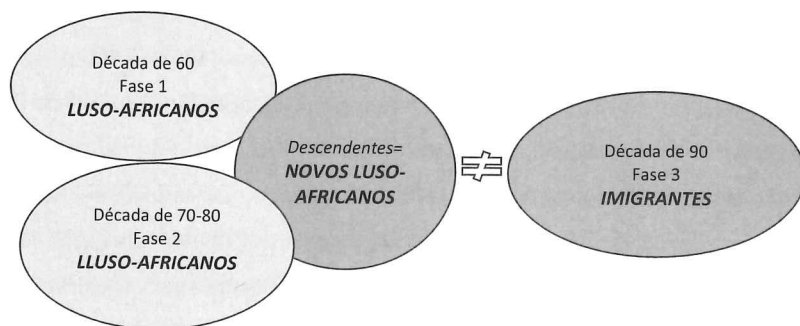
Fonte dos dados: Machado (1998)

Pelos motivos citados, o contacto social entre estas duas correntes é pouco frequente. Para além disso, segundo Machado (1998, p. 117), os *lusu-africanos* manifestam uma “atitude de superioridade” ou da “sobreposição à identidade étnica”. Eles não têm a necessidade de manter relações sociais regulares com os imigrantes porque “têm representações de si próprios em que se destaca a afirmação do sujeito em detrimento de um qualquer grupo de pertença. Não têm a “necessidade de se referirem a um grupo”, antes pelo contrário, “reforçam e valorizam a sua individualidade”. Também

por isso era proibido às crianças de falar o crioulo, considerado “língua do calão urbano”, para se integrarem melhor na sociedade (cf. Contador, 1998, 62).

Apesar de os luso-africanos serem definidos, geralmente, como uma parte da sociedade homogénea, ao levar a sua divisão geracional, verifica-se o contrário. Os seus descendentes, cuja linguagem se tornou o objeto da nossa pesquisa, por um lado, nasceram, cresceram e foram criados em Portugal, mas, por outro lado, enfrentam o mesmo campo de problemas sociais que os imigrantes. Machado (1998, p. 119) propõe, no entanto, usar o termo de *novos luso-africanos*. É digno de nota que esta nova geração se tornou o objeto da análise de múltiplas pesquisas (Ortiz 2013, Santos e Faria 2008, Contador 1998, Henriques 2019, etc.).

Segundo as análises dos autores supracitados, nos anos noventa, a posição destes *novos luso-africanos* na sociedade, comparativamente com os seus ascendentes, vê-se muito enfraquecida e a sua integração na sociedade torna-se muito difícil, o que é causado, sobretudo, pelo problema de escolaridade não concluída (64% deles não conseguiram a formação obrigatória e, 25 %, a secundária) e, conseqüentemente, pelas possibilidades muito limitadas no mercado de trabalho naquele período que leva a um aumento de percentagem de desemprego. Estas circunstâncias levaram a criar um ambiente muito deprimente e contribuíram, significativamente, para a piora das relações familiares.



Esquema 1: Fases de imigração luso-africana

Um dos maiores problemas que os novos luso-africanos apresentam na integração na sociedade portuguesa, é a procura da identidade. Trata-se de um problema geral que se

repete, habitualmente, no contexto das migrações, porque a adaptação ao novo ambiente e a adoção dos novos princípios, implementados no país de destino, muitas vezes se encontra em ponto de colisão com os valores em que se baseia a identidade dos imigrantes. Segundo Soysal (2000) e Hall (2003) *apud* Ortiz (2013, p. 159)

“[...] as identidades são sempre negociadas e ambíguas, invocam uma origem no passado, que continua no presente, mas que simultaneamente acrescenta outras pertenças da sociedade onde residem, da vida quotidiana e ainda dos fluxos da cultura global”.

Os novos luso-africanos procuram a sua identidade, entre dois polos. No primeiro, encontram-se as suas famílias providas da distante África e, no segundo, a sociedade acolhedora. Recorrem, ao mesmo tempo, à subcultura afroamericana, chegando a sua identidade a adquirir a natureza de um caleidoscópio composto de diversos fragmentos. Young (1996) aplica, neste contexto, o conceito de hibridismo, perspetivado como combinação de elementos diferentes, mas, também, como um processo, onde se cria um espaço de descontinuidades, de diferentes componentes de raça, língua, religião, costumes e memória. Este processo leva a criar a sua própria cultura e a produzir identidades, sociedades e realidades distintas, uma diversidade cultural que, de acordo com Heaven (2003, p.153)

“[...] dificulta ainda mais a complexidade da identidade, na medida em que abre lacunas e descontinuidades entre a maneira pela qual uma determinada comunidade se percebe a si própria e é percebida pelos outros.”

Os jovens descendentes, nesta situação, constroem as suas identidades mistas num espaço intermédio, denominado por Bhabha (1994 *apud* Ortiz 2003, p. 171) como o terceiro espaço, situado entre África, Portugal e os Estados Unidos. Vivem “[...] entre a afirmação e a resistência, entre a semelhança geracional e a diferença cultural ...” (Ortiz 2003, p. 171), sofrendo, ao mesmo tempo, as influências dos meios de comunicação, da escola, da cidade, das redes sociais. A sua cultura forma-se, portanto, num contexto diferente do contexto em que viveram os seus pais. Identificando-se com seus homólogos americanos (estadunidenses), que vivem situações semelhantes em muitos aspetos (a sua cultura inscreve-se num contexto social e cultural específico, representado pelo contexto urbano das comunidades desfavorecidas dos bairros periféricos das grandes metrópoles americanas, i. e., Nova Iorque e Los Angeles, entre

outras), recorrem à subcultura urbana Hip-Hop, baseada em quatro pilares: o rap, o DJing, o breakdance e o graffiti. À tal procura existe ainda o motivo de origem, contribuída à tradição africana de oralidade incarnada pelos *gritos* e sons onomatopeicos.

Em Portugal, as primeiras manifestações da cultura *hip-hop* surgem na década de 80, sendo intimamente ligadas à moda de *breakdance*, sem qualquer conotação sociopolítica. Esta cultura estava relacionada com um ritmo sonoro específico, que se alastrou via filmes de Hollywood como “Beat Street”. Em Portugal, ainda nos anos 80 formou-se uma série de *crews* (bandas) de breakdance. Em 1994 o General D edita “Portukkka! É Um Erro”, e surge a primeira compilação de Rap português, chamada “Rapública”, que contava com os nomes como Boss AC, Zona Dread, Family, Líderes da Nova Mensagem ou Black Company, este último conhecido pelo seu megaêxito hip-hop tuga *Nadar* – o hit que narra o quotidiano de diversão dos novos luso-africanos em Portugal que tinha as ruas como ponto de encontro. É digno de nota que a expressão “não sabe nadar”, que faz parte dos primeiros versos do refrão, até ganhou o cenário político português em mobilizações contra a construção de uma hidroelétrica que poderia deixar submersas as gravuras rupestres do parque ecológico Foz Côa. Como reação, em 1995 jovens estudantes e movimentos da sociedade civil criaram a campanha “As gravuras não sabem nadar” impelindo o então presidente da república a visitar, pessoalmente, o território e a decidir pela sua preservação.

No entanto, o rap assumiu, mais tarde, um caráter underground. O breakdance português associa-se a grupos de jovens luso-africanos no Miratejo (que se torna, assim, o Bronx de Portugal) e os jornais vão divulgando notícias sobre a delinquência juvenil, alimentando a ideia de que esta tem “um rosto, irremediavelmente negro, atuando em gangs, e residindo nas zonas limítrofes de Lisboa” (Capucho 2010, p. 264). O rap aparece, para a opinião pública, como uma “forma de contestação da ordem e dos valores estabelecidos” (ibidem), o que torna ainda pior a situação destes adolescentes e jovens. Em 1999, Sam the Kid, lança o seu primeiro álbum “Entre(tanto)”, aclamado no underground, e o seu single “Lágrimas” representa um marco na história do hip-hop português.

Ao mesmo tempo, o *rap* vai influenciando todos os estilos de música – funk, metal, rock, etc. Hoje em dia, é encarado como a música dos jovens, continuando a ser tipicamente associado, justamente, à vida dos novos luso-africanos, o que se reflete ao mesmo tempo, na sua linguagem. Apesar de os textos de *rap*, em geral, não serem caracterizados por uma alta qualidade da língua, os seus compositores consideram a língua lusa sendo uma premissa, uma língua de barro que fornece inúmeras possibilidades de moldar mensagens de apelo universal no estilo *Freestyle*. Nelas, refletem-se, sobretudo, três fatores: a espontaneidade, a improvisação e a influência do hip-hop americano (cf. Blažková 2020, Polická 2018), revestidas de expressões populares, informais, jogos de palavras, truncamentos, interjeições, alcunhas ou anglicismos, mas também, vulgarismos, calão e gíria, uma vez que este estilo de vida, na altura, se vê associado a camadas sociais mais baixas. Um dos exemplos pode ser, precisamente, a canção *Nadar*, cujo trecho incluímos de seguida e em que destacamos a negrito as expressões típicas do rap da década de 90: ⁸

[Verso 1: Gutto]

No **giato** ponto de encontro
Cheguei atrasado
O **Makas** está pilhado
O **Bambino** está de lado
K.J.B. está zangado
Não há espiga
A festa é até ao fim do dia
BC de novo na estrada à procura de pousada
Nas férias o pecado é ficar a noite em casa
Nós todos prometemos uma festa bem dada
O meu melhor fato, sapatos a brilhar
As damas que não sabem o que vão encontrar
Quatro **gajos** muito **dreads** muito podres
Quatro **gajos** sem concretos sem temores
Nós só queremos é diversão
Queremos **desbundar** e é na Caparica que vai nos
encontrar um som radical no meu rádio **japaiado**
Ninguém, ninguém, ninguém, ninguém,
está preocupado
É pura ilusão que Portugal é diferente
Os raps de **Mira-Tejo** têm um **granda** ambiente
Os **gajos** no estrangeiro apanham no ar
Podemos rebentar, mas não nos peças para nadar,
para nadar **yoooo**

[Refrão: Gutto]

Bantú não sabe nadar yo!

[Verso 2: Bambino & Gutto]

Tu **Makas** como te sentes
Um bocado atrofiado por ali, por ali
Tou disposto a desbundar
Tou disposto a rasgar
Tu que me conheces e sabes
Que não vou parar, Domingo na **desbunda**
Escola na segunda (Não)
As férias estão aí (Sim)
É tempo de **curtir**
Mas não me faltam postos para partir para
desbunda
Sexta, Sábado, Domingo e Segunda
Se me quiseres encontrar, vai à praia procurar
Mas na água não vou estar
Porque eu não sei nadar
Porque eu não sei nadar

[Verso 3: Makkas]

Stonado pilhado, vai **eu** afogado
Sou um rapper, sou um **dread**, nunca uso risca ao
lado
Na praia o que eu gosto, são as damas a passar
As **bundas** a mexer, a temperatura a aumentar
Eu não aguento
Eu não aguento
Eu não aguento
Se mexes no meu copo de cerveja

<p>K.J.B. não sabe nadar yo! Madnigga não sabe nadar yo! Makkx não sabe nadar ye! Bantú não sabe nadar yo! K.J.B. não sabe nadar yo! Madnigga não sabe nadar yo! Makkx não sabe nadar ye!</p> <p>[Bridge: Gutto] É sempre a dar É sempre a dar É sempre a dar yo A desbundar A desbundar A desbundar yo É a partir ... É a partir yo Até cair ... Até cair ey É sempre a dar ... É sempre a dar yo A desbundar ... A desbundar yo É a partir ... É a partir yo Até cair Até cair ey</p>	<p>Eu arrebento Tu podes brincar com o que quiseres, eu não me emporto Mexes com a minha dama e és um homem morto É sempre a dar É sempre a dar É sempre a dar Com o som do raggamuffin não consegues mais parar Black Company tem som e está pronto arrebentar Black Company tem som e está pronto a estoirar Depois de meses de espera, B.C. mantém a polvura Estamos preparados para perder controlo Se quiseres ouvir o som que entusiasma DJ K.J.B. dá-lhe com a alma Agora quero saber se estão a gostar Se a resposta é sim quero ver as mãos no ar! Mas nós não sabemos nadar Mas nós sabemos rappar</p>
---	--

Tabela 4: *Black Company, Nadar (1994) - legenda*

Esta heterogeneidade de estilo em que é patente a confluência de diferentes componentes linguísticas é típica não só do dito género musical, como também das conversas entre os membros desta comunidade, da qual a prova direta é o filme Zona J.

3. Zona J

É um filme de longa-metragem de ficção, realizado por Leonel Vieira em 1998, que foi premiado, em 1999, com dois Globos de Ouro de Melhor Filme, embora suscitasse reações negativas dentro da sociedade portuguesa (cf. Inocêncio 2018, p. 27). Isso porque levava ao grande ecrã problemas como o racismo, a discriminação e a pobreza com o objetivo de romper com os preconceitos que a sociedade tinha criado sobre os novos luso-africanos.⁹

O filme trata da convivência de um grupo pertencente, precisamente, a esta geração, de que fazem parte filhos de operários e de mulheres luso-africanas que trabalham nos serviços de limpeza. O protagonista é António, um rapaz negro de dezoito anos, filho

de pais angolanos, que ainda está bem integrado na sociedade portuguesa da mesma forma como os seus pais, que conseguiram ter emprego numa empresa multinacional. Mas sempre que trespassa a fronteira que dá a um espaço público, junto com os outros amigos imigrantes, vê-se confrontado com os preconceitos da sociedade. Ao contrário da maior parte dos luso-africanos, o Tó pretende regressar para Angola, identificando-se com a cultura africana (o que provam, p. ex., os posters de África pendurados nas paredes do seu quarto). O seu irmão mais novo, Pantera, junto com os outros jovens, i.e., Broche, Pica-pau, Cadelas, Cienta, Cosmo, Fénix, Ulisses e Joe, já representam o grupo dos novos luso-africanos cuja diversão quotidiana consiste em ouvir a música *rap* (Kid Sam), ver *skateboarding* na TV, fumar porros e fazer planos para assaltar carros. O Tó evita fazer parte desta comunidade, mas as circunstâncias (por exemplo, muitas vezes é ofendido pelos próprios portugueses e até chamado de criminoso pelo guarda oficial) levam-no a agir contra a sua própria vontade.

Apaixona-se por Carla, no filme chamada de *dama* ou *duquesa*, uma menina branca da classe média-alta. Conhecem-se no clube Capitol, através de uma amiga que os pôs em contacto. A Carla trabalha como florista, numa loja da sua mãe num centro comercial, em que se reencontram por acaso. O centro comercial, na altura, é visto como um sítio de racismo aberto “a place of ouvert racismo” (Ferreira, 2007, p. 55). Aliás, a mãe da Carla é, também, uma acérrima racista e discorda, categoricamente, da relação que a sua filha tem com o Tó. O pai do António é despedido porque a fábrica perde competitividade no mercado europeu. Regressa para Angola e, para assegurar o futuro da sua família, envolve-se num crime, acabando por ser detido. Tó, entretanto, encontra um novo emprego nas obras de construção, mas acaba por ser também despedido pelo seu chefe, xenófobo. Desesperado, envolve-se no assalto a uma ourivesaria junto com os amigos do bairro. Tudo corre mal. Pantera, o seu irmão mais novo, é baleado e a polícia persegue o grupo. A única saída é o aeroporto. Mas a Carla, entretanto, ficou grávida do Tó, e ambos têm uma longa jornada pela frente.

4. Análise linguística da linguagem dos novos luso-africanos

É no socioleto desta comunidade que se pode observar como as componentes culturais e linguísticas são estreitamente vinculadas. Enquanto áreas contíguas que convivem em simbiose, operam numa relação sinérgica, em que se interlaçam e influenciam mutuamente. Após uma sondagem linguística, verificámos que, na linguagem da dita comunidade se repercutem, autenticamente, todas as propriedades típicas do rap que mencionámos na secção anterior: nos diálogos deparamo-nos com palavras de origem inglesa, francesa, italiana, espanhola e africana, com uma série vulgarismos, mas também outros meios informais como são as alcunhas, abreviações ou interjeições.

O *corpus* por nós analisado, como já se antecipou, consta de diálogos que transcrevemos, manualmente, de acordo com as legendas do filme, que tivemos à disposição em DVD, e, nele foram incluídas apenas as classes lexicais denominativas (substantivos, adjetivos, numerais, verbos, advérbios) e interjeições. Não foram consideradas as palavras gramaticais (artigos, conjunções, preposições e pronomes, com a exceção de alguns possessivos que servem como forma de interpelação).

As lexias caracterizadas como específicas do socioleto foram divididas em várias categorias. Para além das palavras consideradas como pertencentes à norma padrão, estabelecemos a categoria de vulgarismos (palavras com um sentido de depreciação), de palavras informais (que são usadas na linguagem falada não oficial, mas não constituem insultos, injúria ou humilhação), de interjeições e de alcunhas (que também poderiam ser consideradas como palavras informais, mas sendo típicas dos textos rap, foram consideradas separadamente) e de estrangeirismos.

Procedemos, durante a contagem, de dois modos: o absoluto e o individual. O método absoluto consistiu na comparação de todas as categorias encontradas, contando a repetição dos seus itens individuais, e na calculação do peso relativo de cada uma delas em relação a todo o *corpus* analisado. O procedimento individual consiste na comparação de todas as categorias, mas sem levar em consideração a repetição dos seus itens, e na calculação da sua relação percentual relativamente aos outros itens. Por exemplo, a categoria de vulgarismos, segundo a calculação absoluta contém 140 palavras. Segundo a calculação individual, no entanto, esta tem apenas 18 itens, alguns

dos quais se repetem frequentemente, atingindo o valor absoluto anterior. Como os seguintes gráficos (o Gráfico 1 e o Gráfico 2) mostram, a calculação absoluta conta com 34% e, a individual, com 25% das palavras socioletais em relação ao total dos itens considerados (todos incluídos em anexo).

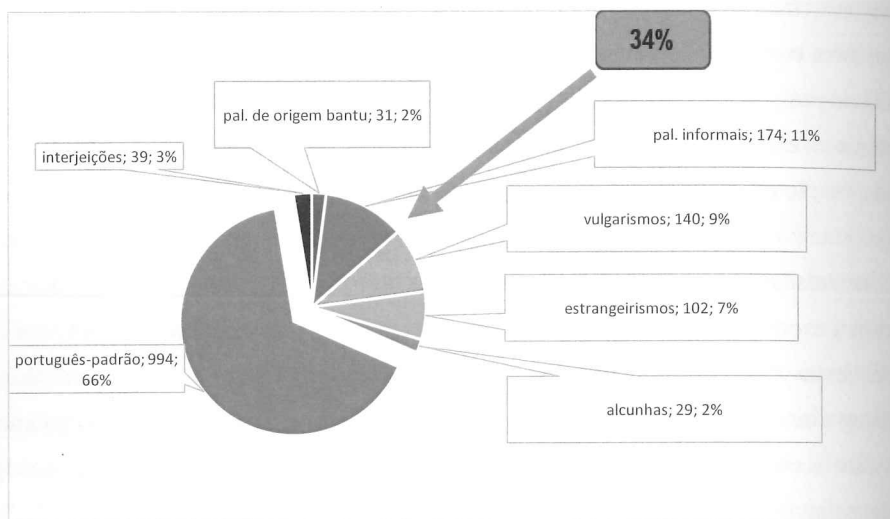


Gráfico 1: Contagem absoluta das categorias lexicais

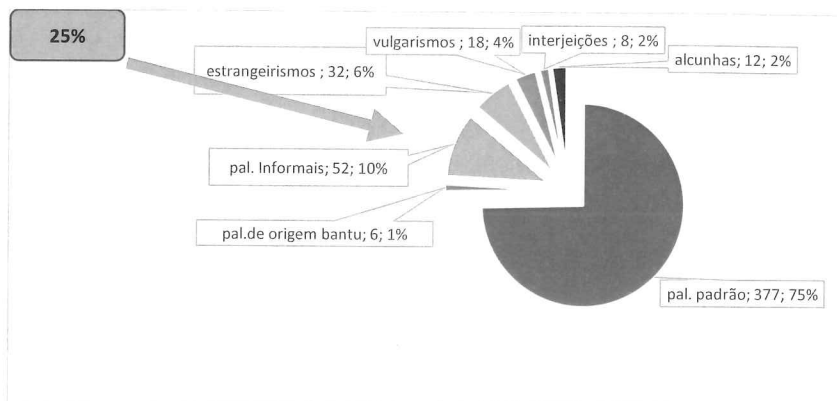
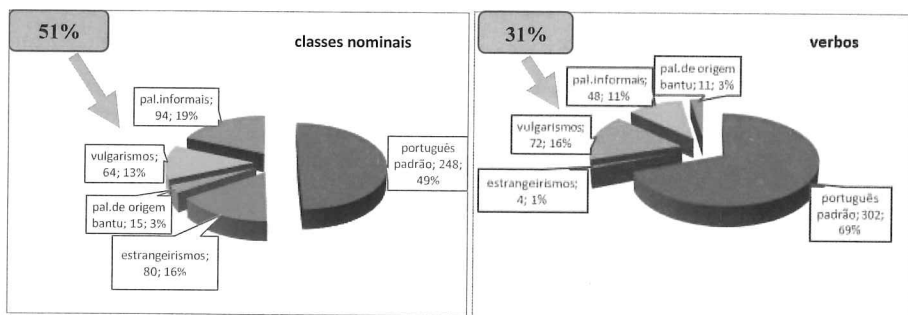


Gráfico 2: Contagem individual das categorias lexicais

Ao mesmo tempo, prevendo-se uma diferença entre os dados obtidos dentro de cada classe lexical, comparou-se a frequência das categorias observadas nas classes verbais e nominais (nomes e adjetivos) segundo a contagem absoluta. Como os Gráficos 3 mostram, na primeira classe, o léxico marcado constitui 31 % e, na segunda, 51% do corpus analisado.



Gráficos 3 a) Classes lexicais NOMINAIS

3 b) Classe lexical: VERBOS (contagem absoluta)

Veja-se, de mais perto, cada uma das categorias estabelecidas. Limitar-nos-emos a mencionar, de seguida, apenas aquelas componentes cujo significado semântico adquire, dentro do contexto estudado, um matiz pragmático e estilisticamente marcado. Porém na parte de anexo (Tabela 5) encontram-se todas as palavras que fazem parte do nosso corpus. Ao mesmo tempo, advirta-se que, ao citar exemplos concretos, por motivos de cortesia, evitamos a transcrição literal de palavras sentidas como grosseiras, substituindo sempre uma letra com o asterisco *.

4.1. Palavras informais

Nesta categoria, faremos uma menção aos pronomes possessivos e às palavras derivadas através de sufixos de avaliação (aumentativos e diminutivos).

Quanto ao uso do possessivo, destaquemos o abundante uso de *meu*, usado coloquialmente como uma forma de interpelação. A sua ocorrência representa 24% do total das palavras informais segundo a contagem absoluta. Como exemplo podemos citar as seguintes frases do filme:

1. O gajo mexia os olhos, *meu*.
2. Os homens pegam nele e parte-se em dois, *meu*.
3. Embora lá disto, *meu*.
4. *Meu*, queres guiar ou não queres?

Ao mesmo tempo, o possessivo *seu* é usado também num tom expressivo, reforçando o significado pejorativo do nome que acompanha, como se pode ler na seguinte frase:

5. (*Seus* pane*eiros de me*da!)

Também os diminutivos exercem, obviamente, um papel importante na linguagem desta comunidade, sobretudo na exteriorização de vários tipos de afeto. Na maior parte das vezes, transmite uma emoção positiva, alegria e satisfação (é o caso da palavra *motorzinho* usada durante o assalto do carro (frase 6) ou da palavra *chamadinha* que se refere ao telefonema da Carla (frase 7)). Porém, nem é raro o seu uso para exprimir diferentes matizes de ironia ou cinismo como se vê na palavra *cuidadinho* (frase 8), quando um protagonista brincando, pede para não serem usados demasiados vulgarismos dentro da comunidade. O diminutivo pode ser usado, igualmente, como um meio eufemístico para atenuar o sentido depreciativo de alguns palavrões e formas de interpelação corriqueira (veja-se *cabrãozinho* – frase 9). Por outro lado, para intensificar o seu tom negativo verificamos o uso do sufixo aumentativo (*cabraço* – frase 10), podendo ser estas últimas duas expressões interpretadas, parcialmente, como exemplos de reapropriação linguística, à qual ainda nos referiremos mais adiante.

6. Tem cá um *motorzinho* ...
7. Pssst... a nossa primeira *chamadinha*.
8. *Cuidadinho* com a língua ...
9. Prefiro arriscar o coiro do que ouvir este *cabrãozinho* a noite toda.
10. Chama-me esse *cabraço*!

4.2. Vulgarismos

Como se pode ver nos Gráficos 3, os vulgarismos representam 13% do total da categoria das classes nominais e, 16%, da classe de verbos. O seu uso é, primariamente, sentido como negativo e socialmente inadequado. Costumam ser usados para exprimir uma atitude negativa acerca da situação vivida, do objeto ou da pessoa descritos, contendo um matiz agressivo, grosseiro e depreciativo, mostrando, ao mesmo tempo, a falta de delicadeza ou de educação. No *corpus* estudado, o seu repertório não é muito rico, como já se antecipou, mas é a sua frequência que chega a atingir uma percentagem elevada. Importa adicionar que o uso habitual de vulgarismos leva a que deixem de ser percebidos pela comunidade como estilisticamente marcados. Muitos deles são usados automaticamente e adquirem a natureza “parasitária”. Isto quer dizer que preenchem as pausas de conversação, mas o seu conteúdo nocional é vazio. Aliás, trata-se de um fenómeno que pode ser observado, em geral, na linguagem familiar, em que podem até adquirir um sentido positivo mesmo que sejam caracterizados como calão (como prova a expressão *obrigado do caralh**, em que a palavra-calão quer significa um elevado grau, dimensão ou intensidade.).

Os protagonistas do filme usam, frequentemente, este tipo de palavras para se referirem à raça como se pode ler na seguinte secção.

4.2.1. Hierarquização racial

A hierarquia racial é um sistema de estratificação baseado na crença de que alguns grupos étnicos são superiores a outros. Geralmente, aqueles que apoiam hierarquias raciais acreditam que são de uma raça "superior" e baseiam sua suposta superioridade em argumentos biológicos, culturais ou religiosos. Esta hierarquização repercute-se, igualmente, no vocabulário.

No filme, esta superioridade é expressa, pelos luso-africanos, num tom irónico, e isso através do termo inglês – os *whites*, quando os brancos apresentam elementos de comportamento negativos como mostra a frase 11.

11. Há essas parecenças com os *whites*. Pensei que fosse só com os pretos. Afinal com os bófiás é a mesma coisa. Somos todos uma grande família.

Ao mesmo tempo, para se referirem à Carla, menina de raça branca, usam as palavras *duquesa* (frase 12) ou *dama* (frase 13) que adquirem um significado racial figurativo, mas num contexto positivos, porque sendo a namorada de António, é mais bem aceite pela sua comunidade. Porém, ambas as palavras conotam uma certa superioridade. *Duquesa* remete para o significado de senhora que tem o título ou propriedade de um ducado, podendo evocar a associação à posição social e económica superior da dos africanos. E o termo *dama*, para além de ser informalmente usada no sentido de namorada, também significa senhora nobre e de distinção, podendo ser associada, também, à distinção racial. Ao mesmo tempo, é usado, embora raras vezes, para se referir às habitantes brancas que vivem no mesmo edifício (frase 14).

12. *Duquesa* então, como é?
13. A tua *dama*. A dos olhos lindos.
14. Ó *dama*, anda cá ouvir falar o *big boss*.

Por outro lado, num sentido depreciativo, depara-se, na linguagem desta comunidade, com os termos preto e escravo, usados pela própria comunidade num sentido autodestrutivo, para se referir ao valor negativo com que julgam serem perspetivados pela sociedade acolhedora como mostra a frase 15. Ao mesmo tempo, o filme documenta a forma com que os brancos exprimiam a inferioridade da raça como mostra a frase 16.

15. És um *preto*, um neto de *escravos*.
16. *Pretos* dum caralh*. *Macacos* da merd*!

No filme, algumas denominações raciais como são, por exemplo, black e nigger, aparecem como forma reapropriada de interpelação, como se explica na seguinte secção.

4.2.2. Reapropriação linguística

A reapropriação (*reappropriation* ou *reclaiming*) é um termo que pertence à área de sociolinguística e designa o processo cultural pelo qual um grupo recupera palavras que eram usadas anteriormente de forma depreciativa contra aquele grupo. Consiste, portanto, numa variação pragmática das expressões que serviam, primeiramente, como meios de humilhação, injúria ou insulto. A reapropriação linguística pode ser

observada, por exemplo, nas áreas da sexualidade humana e nas comunidades "queer" cujos membros são denominados, na linguagem corriqueira, de tais nomes como *viado*, *bicha*, *baitola*, *sapatão*, *sapatona*, *caminhoneira*, *gobi*, *trava* ou *traveco/a*. Estas expressões, que são sentidas como atacadoras, às vezes, passam a ser usadas como forma de interpelação familiar pelo mesmo grupo.

Um dos exemplos também pode ser a palavra *negro* em inglês. Foi usada de forma depreciativa e, a partir de meados do século XX, em especial nos Estados Unidos, tornou-se uma fortemente ofensiva. Por ter um forte teor racista, começou a ser substituída pelo eufemismo "the N-word" ("a palavra com N", em tradução livre). Em inglês, preferiu-se amplamente usar *black* (*preto*, em português literal), que igualmente, está a cair em desuso por se referir explicitamente à cor da pele. A expressão maioritariamente usada, hoje em dia, é o termo African American, sendo o *nigger* considerado um dos piores palavrões. Porém, a sua derivação *nigga* é utilizada pelos jovens afro-americanos como gíria e forma de interpelação familiar, mas só dentro da sua comunidade. Quando usada por uma pessoa branca, continua a ser sentida como ofensiva.

Na língua portuguesa, a mesma dicotomia pode ser observada na palavra *nego* (derivação de negro) ¹⁰ que também pode possuir significados pragmaticamente contraditórios. Por um lado, a palavra pode referir-se a um indivíduo de pele muito preta, de escravo de pele escura, aproximando-se até do pronome indefinido *alguém* (cf. Carvalho, 2016) (ex.: *Isso aí é carro de nego trabalhador*) e pode ser sentida também como ofensa direta. Este significado negativo pode ainda ser reforçado pelo sufixo aumentativo *-ão* – *ona* (*negão*, *negona*) que muitas vezes tem, na língua portuguesa, conotações depreciativas. A expressão *negona* caracteriza uma mulher de pele escura, feia. Mas, ao mesmo tempo, entre negros, no uso da palavra, pode haver uma reversão, no sentido de apontar uma mulher negra decidida, forte em seus argumentos e convicções. (ibidem).

A própria expressão *nego*, *nega* pode ter, também um significado positivo. No Brasil, usa-se, coloquialmente, como forma familiar e carinhosa de tratamento (ex.: *Cadê minha nega?*) reforçado pelos seus derivados através de sufixos diminutivos

(*neguinha, neguinho*). Mas também os diminutivos podem ser usados em contextos ambivalentes.

No filme Zona J aparecem, neste sentido reapropriado, muitas vezes as palavras *nigger* e *black* como ilustram as frases 17 e 18:

17. O que é que tens, *black*?
18. *Nigger*, apresenta lá as tuas amigas.

Como meios de interpelação servem, igualmente, ainda outras palavras inglesas como *dread, brother, man*, entre outros. Estas serão tratadas na secção seguinte em que abordamos a categoria de estrangeirismos.

4.3. Estrangeirismos

Os estrangeirismos representam 7% do corpus total (na contagem absoluta), 16% do total dos nomes e 1% dos verbos. Os estrangeirismos são adotados, habitualmente, por designarem uma inovação que não encontra a sua designação na língua-alvo. No entanto, no caso da comunidade dos novos luso-africanos, que vive num terceiro espaço baseado nos valores híbridos, num espaço de confluência de várias culturas, existe uma predisposição ao uso mais frequente das palavras de origem estrangeira em vez das palavras portuguesas mesmo para se referir a realidades bem conhecidas. Como podemos ver, entre eles, destacam-se, sobretudo, os anglicismos, mas também palavras de origem francesa (galicismos), espanhola (hispanismos), italiana (italianismos), e, claro, de origem bantu (propomos o termo de bantuísmos) a serem comentados de seguida.

4.3.1. Anglicismos

A elevada percentagem das palavras de origem inglesa no *corpus* analisado poderia ser interpretada por vários fatores, entre os quais há três que julgamos serem dignos de nota.

O primeiro deles é a função de globalização da língua inglesa, que serve como língua franca, instrumento de integração, cooperação e divulgação internacional de tendências de desenvolvimento em todas as áreas da vida da sociedade, inclusive o cultural, seja cênicas ou periféricas. Quanto ao contexto de hip-hop, como já se adiantou, em

Portugal era patente já nos anos oitenta quando no clima cultural do país penetraram as primeiras componentes do *breakdance* e do *rap* que se tornaram a parte indissociável da identidade híbrida da dita comunidade.

O inglês também poderia ser considerado como instrumento de diferenciação na segregação racial. Como o filme mostra, o contacto físico e a convivência pessoal dos membros das diferentes raças, vê-se muito limitado (embora dois rapazes da comunidade sejam de pele mais clara), o que implica e contribui para uma maior discriminação ou diferenciação racial. O uso do inglês, neste sentido, poderia ser compreendido como um mecanismo de defesa (enquanto meio de isolamento ou de identificação) que se ativa quando a situação vivida coloca em perigo a integridade do ego, com a qual o indivíduo não consegue lidar ou que considera ameaçadora e angustiada.

Ao mesmo tempo, o inglês como uma língua de prestígio, pelo menos nos anos noventa, simbolizava a riqueza dos países anglo-saxónicos. A ânsia pela riqueza é típica das camadas sociais mais baixas.

Do ponto de vista linguística, é interessante observar a sua submissão aos processos de apertuguesamento morfológico e fonológico. Por um lado, a tendência fala a favor de um isolamento, por outro lado, a cultura e a língua predominante é a portuguesa como se pode ver nos gráficos que mostram a prevalência do português-padrão. Sendo assim, alguns anglicismos passam a adotar as categorias nominais de género, número e determinação, válidas para o sistema gramatical da língua portuguesa (*o white* → *os whites*, *o nigger* → *os niggers*, *o black* → *os blacks*, *o brother* → *os brotheres*, *dread* → *um dread*, *nite* → *um nite*, *big boss* → *o big boss*) e, também, são pronunciadas de acordo com o sistema fonético português, isto é, com a palatal [ʃ] no fim da palavra como ilustram as seguintes frases:

19. Tó! Achas que a tua dama anda de autocarro como *os blacks*? [blekʃ]
20. Como é, cota orienta lá *um* „*nite*“
21. *O dread* está aí?
22. *Dreades*, a gente só vem aqui à procura de um CD
23. ... anda cá ouvir falar *o big boss*.

4.3.2. Galicismos

Quanto aos galicismos, isto é, palavras de origem francesa, hoje em dia são, maioritariamente, sentidas como de uso culto, literário ou arcaísmos. Contudo, uma parte apreciável continua a ser utilizada e faz parte da linguagem diária portuguesa como, por exemplo, a palavra *fixe* e a, várias vezes referida, *dama*, que, no contexto estudado, adquire um valor específico. A alcunha *Broche* é, igualmente, de origem francesa e neste contexto simboliza a joia: as ourivesarias eram um alvo frequente de assalto. Um caso interessante de hibridismos é a expressão *ma dieau*, que é, provavelmente, de origem mista, isto é, francesa (*mon dieau*), e, ao mesmo tempo, inglesa (*my god*), conservando-se a primeira vogal da pronúncia.

4.3.3. Hispanismos

A palavra *chaval*, habitualmente usada no rap espanhol (cf. Gomez 2017) é uma palavra proveniente de caló (*cavale*, que é o vocativo plural de *chavó - muchacho*)¹¹ e usa-se, no castelhano informal, no sentido de rapaz jovem. No filme *Zona J* aparece várias vezes como ilustram as seguintes frases:

24. Treinou com fome, enganámo-nos, *chaval*.
25. Vá, *chaval*! Faz pela vida.

4.3.4. Bantuísmos

Quanto às palavras de origem africana, na maior parte bantu, o seu uso está associado, sem dúvida, à influência do país de origem. Importa salientar, no entanto, que as culturas destas minorias étnicas foram transmitidas de geração velha à mais nova apenas parcialmente. Recordemos que em algumas famílias, às crianças era proibido falar o crioulo ou as línguas bantu para se integrarem plenamente na sociedade. Apesar de os descendentes nem terem conhecido o país de origem, não é raro continuarem a usar algumas palavras que os seus pais os ensinaram. No filme, ocorrem, na maior parte, palavras de origem bantu e uma interjeição poderia ser definida como de origem africânder. Muitas destas palavras são usadas também na língua coloquial pelos falantes portugueses como se pode ver na seguinte lista:

- *bazar* (de origem quimbundo *kubaza* = romper), em Portugal usa-se no sentido de ir embora, sair.¹²
- *bué*¹³ (de origem bantu, talvez, quimbundo), usa-se na linguagem informal para designar uma grande quantidade ou intensidade
- *cota* |ó| (de origem quimbundo; *kota* = superior) é um nome de dois géneros, que se usa, na linguagem informal, no sentido de pessoa mais velha¹⁴.
- *quizomba*, (de origem quimbundo, *kizomba*) – é um nome dança de pares, ou música que a acompanha, de origem angolana, de movimentos fluidos, passadas e figuras, de típi folguedo, diversão, bailárico.¹⁵
- *muamba* (também de origem quimbunda), é um nome feminino que significa um tipo de cesto para transportar mercadorias.
 - Em Angola, usa-se na área de culinária, designando o guisado feito com óleo de palma (ex.: *muamba de galinha*).
 - No Brasil adquiriu o significado de furto de mercadorias armazenadas em portos ou armazéns ou comércio de produtos roubados ou mesmo o produto contrabandeado (ex.: *a muamba entra pela fronteira paraguaia*) ou, pode ter um significado geral de atitude ou comportamento de má-fé.
- *ia*¹⁶ (advérbio proveniente da palavra africânder *ya*, pelo ronga), é um advérbio informal que pode exprimir afirmação, confirmação, concordância, aprovação. Ao mesmo tempo, pode ser a imitação da interjeição inglesa *yeah*.

26. *Baza* até ao Centro Comercial.

27. Estás *bué* de esquisito, meu.

28. Certo, *cota*, mas não saias daqui, está bem?

29. *Ya* (no sentido de sim), na pausa. E o que é que eu faço?

Ao mesmo tempo, há palavras que não são de origem africana, mas, adquirem, nos países luso-africanos, um significado próprio: birra e fezada.

- *birra*, de origem italiana, mas segundo os dicionários online consultados (Priberam, Caldas Aulete, Michaelis) é usada, no sentido de cerveja, apenas em Angola. No Brasil, é usada no sentido de marijuana.¹⁷
- *fezada*: (derivada de fé e o sufixo *ada*)¹⁸ –palavra usada, tipicamente, em Angola, significa sorte, felicidade. Em português usa-se no sentido de grande fé ou convicção. No filme, parece a adquirir o significado de bom trabalho e, contextualmente, de roubo (sucessivamente feito).

30. Big „*fezada*“, Joe.

31. Tu e as tuas *fezadas*

32. Tá a chegar o dia da minha *fezada*.

5. Conclusão

Chegando ao fim, regressemos ao título do texto, introduzido pelo provérbio japonês *Ao erguermos a vista, não vemos as fronteiras*. Foi o objetivo da nossa pesquisa mostrar, precisamente, que abrindo os olhos, conhecem-se outras dimensões, encontram-se saídas de um espaço hermeticamente fechado e caminhos pelos quais se pode fugir a momentos difíceis que coloquem em perigo as nossas vidas. Atravessando as fronteiras e procurando meios suficientes para a verdadeira autoexpressão, podemos construir as nossas próprias identidades, mais complexas, mais abrangentes. No caso dos novos luso-africanos, por um lado, estas ganharam, nos anos noventa, umas conotações negativas, que, na maior parte, não foram aceites pela sociedade recetora. Por outro lado, revestindo -se de uma linguagem assente em pilares pluriculturais, confirmam, igualmente, a relação indissociável entre as componentes culturais e linguísticas. Então, percebendo a sua cultura e identidade, percebemos também a sua linguagem.

A sua natureza híbrida construída entre várias subculturas, num terceiro mundo de dimensão multicultural, reflete-se, obviamente, na confluência de expressões de diferentes origens (inglesa, francesa, espanhola, italiana e bantu), típicas da cultura hip-hop e patentes até em unidades tão curtas como são as frases simples, como se pode ver nos seguintes exemplos:

33. *Baza (AFR.), o people (ANGL.) está na zona (PORT.).*
34. *Não dêsh shi*(ANG.) ao meu irmão (PORT.)*
35. *Como é, cota (AFR.) orienta (PORT) lá um nite (ANGL.).*
36. *Ya. (AFR.) Man (ANGL.), este aqui (PORT) é cool (ANG.).*
37. *Quando o black (ANG.) tem de ir mi*ar (PORT. vulg.), o dread (ANG) tem de acompanhar (PORT.)*
38. *Só mais uma beca (PORT. informal), dama (FR.).*
39. *A janela (PORT.) estava aberta, ma dieu (ANG.-FR.).*
40. *... enganámos-nos (PORT.), chaval (HISP.).*

Do socioleto utilizado por esta comunidade, no entanto, pode ser deduzida, também, uma data de fatores sociais que revelam os seus problemas sociais e económicos. Através do uso de vulgarismos exprime-se, por exemplo, a atitude negativa relacionada com os aspetos negativos decorrentes da sua posição enfraquecida e marginal na sociedade acolhedora. A escolaridade não concluída repercute-se no uso frequente de

palavras informais e coloquiais, sendo a língua padrão, às vezes, encarada, por eles, com um certo matiz de ironia e cinismo.

Por outro lado, há uma série de componentes que falam a favor da sua unidade e das relações de convivência familiar, o que prova, por exemplo, o abundante uso de alcunhas que, ao longo do filme, representam símbolos de ânsia pela riqueza ou de defesa. Por exemplo, a alcunha Pantera, (irmão do Tó, que anseia por ter uma motocicleta), evoca a marca Panther, fabricada pela empresa Phelon & Moore. Broche (alcunha de origem francesa), no sentido de joia, simboliza a ourivesaria, que é alvo de um assalto planejado. Pica-pau, por outro lado, representa o símbolo de defesa: trata-se de lazarina, isto é, uma espingarda, de pequeno alcance, de carregar pela boca. Também as diferentes denominações de raça, linguisticamente reapropriadas pelos membros da mesma comunidade (*black, nigger, nego*, etc.) podem ser um exemplo de amizade e solidariedade entre os membros da comunidade.

Ao erguermos a vista, não vemos as fronteiras, neste trabalho, não é usado apenas no sentido endóforo, isto é, para nos referirmos à diluição das fronteiras do espaço em que vive a comunidade dos novos luso-africanos, e que representa um movimento de dentro para fora. Com este provérbio pretende-se, ao mesmo tempo, propor um passo oposto, o exóforo (de fora para dentro), deixando um desafio às sociedades receptoras para eliminarem a barreira, o entrave, que impede de compreender o estilo de vida das comunidades social e economicamente periféricas, entender as suas circunstâncias de vida e contribuir para que elas se tornem a parte equipolente da sociedade.

Notas

1. <https://observador.pt/2015/06/12/portugal-segundo-melhor-pais-a-acolher-e-integrar-imigrantes/> .
2. <https://rr.sapo.pt/2021/03/21/politica/portugal-e-pais-de-acolhimento-aberto-universal-e-ecumenico-diz-marcelo/noticia/231312/> .
3. <https://iilp.wordpress.com/2017/11/20/agradecimento-aos-cursantes-do-viii-curso-de-capacitacao-para-a-elaboracao-de-materiais-ensino-de-portugues-como-lingua-de-acolhimento/> .
4. <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/sam-the-kid-e-outros-moradores-garantem-que-chelas-e-o-sitio-052421> .
5. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/socioleto> .

6. <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-de-imigrantes-em-portugal-por-nacionalidade/regioes-do-mundo/GEE%20-%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20estrangeira%20residente%20em%20Portugal%20-%20PALOP.pdf/3914-populacao-estrangeira-com-estatuto-legal-de-residente-em-portugal-palop/file>
7. Sobre a legislativa de nacionalidade portuguesa, veja-se, Lei da Nacionalidade Portuguesa (acesso: <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/69738105/201708271544/diploma/1?rp=indice>)
8. <https://genius.com/Black-company-nadar-lyrics>
9. Acesso ao filme: https://www.youtube.com/watch?v=Wy_EOPeUFmI
10. <https://dicionario.priberam.org/negro>
11. <https://dle.rae.es/chaval?m=form>
12. <https://dicionario.priberam.org/bazar>
13. <https://dicionario.priberam.org/bu%C3%A9>
14. <https://dicionario.priberam.org/cota>
15. <https://dicionario.priberam.org/quizomba>
16. <https://dicionario.priberam.org/i%C3%A1>
17. <https://dicionario.priberam.org/birra>
18. <https://dicionario.priberam.org/fezada>

Bibliografia

- Beline, R. (2004). A variação lingüística. In: Fiorin, J. L. (org.) *Introdução à lingüística I. Objetos teóricos*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 121-40.
- Bhabha, H. (1994), *The Location of Culture*. Londres: Routledge.
- Blažková, T. (2020). *Rap jako literární text*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Masaryk. (66 p).
- Capucho, M. F. (2010). Itinerários de Viagem. In: Capucho, M. F. *Língua, Expressões Linguísticas e diversidade cultural*. n. 6, 2010, pp. 254 – 298.
- Carvalho, D. (2016). Historicidade, gramaticalização e carga semântica do pronome *nego* no Português do Brasil. In: *Guavira Letras*. Três Lagoas/MS, n. 22, jan./jun. 2016., pp. 105-122.
- Contador, A.C. (1998). Consciência de geração e etnicidade: da segunda geração aos novos luso-africanos. In: *Sociologia – problemas e práticas*. n. 26, 1998, pp. 57-83.
- Ferreira, C. O. (2007). No future — the Luso-African generation in Portuguese Cinema. In: *Studies in European Cinema*. 2007, v. 4, n. 1.
- Gómez, L. G. (2017). *Poesía y canción: Lirica y rap español*. Dissertação de mestrado. Universidade de Cádiz (79 p).
- Hall, S. (2003). Cultural Identity and Diaspora. In: Braziel, J. E., Mannur, A. (eds.), *Theorizing Diaspora*, Malden, MA: Blackwell, pp.233-246.
- Heaven, C., Tubridy, M. (2003). Global Youth Culture and Youth Identity. In: Arvanitakis J. (eds.) *Highly Affected, Rarely Considered: The International Youth Parliament Commission's Report on the Impacts of Globalization on Young People*. Publisher Oxfam International Youth Parliament (OIYP), Sydney, pp.149-60.

- Henriques, I.C. (2019). *A presença africana em Portugal, uma história secular: preconceito, integração, reconhecimento (séculos XV-XX)* /1ª ed. Lisboa: ACM - Alto Comissariado para as Migrações, 2019.
- Hubáček, J., Krčmová, M. (2017). Sociolekt. In: Karlík, P., Nekula, M., Pleskalová, J. (eds.), *CzechEncy - Nový encyklopedický slovník češtiny*.
- Inocêncio, L. I. M. (2018). *Intervenção cultural no Bairro da Zona J*. Dissertação de mestrado Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura – especialização em Gestão Cultura. ISCTE -IUL. Lisboa (66 p.)
- Machado, F. L. (1994). Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade. In: *Sociologia – problemas e práticas*. n. 16,1994, pp. 111 – 134.
- Machado, F. L. (2009) Quarenta anos de imigração africana: um balanço. In: *Ler História. Ano. 2009. Língua. Português. País*.
- Ortiz, A. (2013). Identidades, pertenças e afinidades dos jovens descendentes de imigrantes africanos na Área Metropolitana de Lisboa. In: *Revista Migrações*, setembro 2013, n.º 11, Lisboa: ACIDI, pp. 157-184.
- Piccinini, T. B. (2016). Novos luso-africanos no filme *Li Ké Terra*: uma questão de identidade cultural. In: Sampaio, S., Reis, F. e Mota G. *Atas do V Encontro Anual da AIM*, Lisboa: AIM, 2016, pp. 484-493.
- Pimentel, P. (2006). *Imigração e identidade: processos que se cruzam*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais apresentada à Universidade Aberta (200 p.)
- Polická, A. (2018). *Lexikální inovace Dynamika šíření identitárních neologismů*. Tese de habilitação. Universidade de Masaryk, Brno (355 p).
- Rocha-Trindade, M. B. (2001). História da imigração em Portugal (I). In: *Janus 2001. Anuário de Relações Exteriores*, Público e Universidade Autónoma de Lisboa, pp. 170-171.
- Santos, N.L., Faria, L. 2008, Imigrantes negros dos PALOP africanos em Portugal: auto-percepções e percepções de características sócio-profissionais. In: *ANTROPológicas*, n. 10, 2008, pp: 257-283.
- Soysal, Y. (2000). Citizenship and Identity: living in diásporas in post-war Europe? In: *Ethnic and Racial Studies*. v.23, n.1, pp. 1-15.
- Trudgill, Peter. (2003). *A Glossary of Sociolinguistics*. Oxford; New York: Oxford University Press.
- Vieira, Leonel (1998). *Zona J*.
- Young, R. (1996). *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. London: Routledge

Recursos online:

- <https://observador.pt/2015/06/12/portugal-segundo-melhor-pais-a-acolher-e-integrar-imigrantes/>
- <https://rr.sapo.pt/2021/03/21/politica/portugal-e-pais-de-acolhimento-aberto-universal-e-ecumenico-diz-marcelo/noticia/231312/>
- <https://iilp.wordpress.com/2017/11/20/agradecimento-aos-cursantes-do-viii-curso-de-capacitacao-para-a-elaboracao-de-materiais-ensino-de-portugues-como-lingua-de-acolhimento/>
- <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/socioleto>
- <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/sam-the-kid-e-outros-moradores-garantem-que-chelas-e-o-sitio-052421>
- <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-de-imigrantes-em-portugal-por-nacionalidade/regioes-do-mundo/GEE%20->

<https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/69738105/201708271544/diploma/1?rp=indice>
<https://genius.com/Black-company-nadar-lyrics>
 Acesso ao filme: https://www.youtube.com/watch?v=Wy_EOpEUFml
<https://journals.openedition.org/lerhistoria/1991>

Sobre a legislativa de nacionalidade portuguesa, veja-se, Lei da Nacionalidade Portuguesa (acesso: <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/69738105/201708271544/diploma/1?rp=indice>)

<https://genius.com/Black-company-nadar-lyrics>

Acesso ao filme: https://www.youtube.com/watch?v=Wy_EOpEUFml

<https://journals.openedition.org/lerhistoria/1991>

Dicionários

www.priberam.pt

www.aulete.com.br

Páginas web:

Serviços de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal www.sef.pt

Gabinete de Estratégia e Estudos. Portugal www.gee.gov.pt

Anexo:

<p>Verbos 110</p>	<p>abrir, acalmar, acompanhar, acreditar, achar, adivinhar, aguentar, alinhar, andar, aparecer, apostar, apitar, apresentar, arrasar, bater, bulir, buscar, catar, começar, comprar, conseguir, contar, cumprir, chamar, chegar, chorar, dançar, dar, decidir, decorar, deixar, descansar, desaparecer, desviar, dever, dizer, encontrar, encostar, enganar, ensaiar, entrar, escrever, esperar, estar, estragar, experimentar, falar, faltar, fazer, fechar, ficar, fugir, ganhar, gostar, guiar, habituar, haver, inchar, ir, informar, jogar, lamentar, largar, levantar, levar, ligar, mandar, massacrar, matar, medir, mexer, morrer, nascer, oferecer, olhar, orientar, ouvir, parar, pegar, perceber, poder, pôr, preferir, preocupar, preparar, procurar, proibir, querer, recapitular, receber, reparar, resolver, rodar, sacar, sair, saltar, ser, servir, ter, tirar, tocar, tomar, tratar, treinar, verter, vir, virar, ver</p>
<p>Classes lexicais não verbais 267</p>	<p>aberta, acima, afinal, África, africano, agora, água, aí, , ainda, alarme, ali, amanhã, amigas, amigo, ano, angola, antes, apaixonado, apaixonado, apanhado, artista, aqui, , assalto, associação, atenção, atrasado, autocarro, avenida, azar, baile, bairros, baixo, baixo, bate-chapas, batida, belo, bem, bem-vindo, bernardo, blusão, boa, bocadinho, bolo, bom, bonecos, brancos, cá, cabeças, cabo-verdiano, caças, calças, calma, calma, camião, carrinha, carro, carta, catedral, CEE, centro, certo, cheio, cinco, circular, classe, Clotilde, coisa, comercial, completa, compras, condição, construção, contrário, controlada, culpa, curso, dentro, depressa, desertos, desesperadamente, dez, dia, diabo, diamantes, discos, disto, doente, doido, dois, domingo, dúvidas, enfermeiros, enrabado, entalado, então, escolhida, altamente, espetadas, esquema, esquina, esquisito, estacas, estilo, extraterrestres, família, farto, favor, Filomeno, flauta, fome, força, frente, frio, fumar, fundo, fusca, futebol, ganancioso, gasolina, fátura, gente, gordo, grande, guarda, hipótese, hoje, homens, horas, hospital, humanos, imediatamente, impostos, irmão, já, janela, juntos, lado, lado, largo, limpeza, lindos, língua, líquido, lisboa, loja, lusiadas, madrugada, mal, malcriado, mania, manobra, mantimentos, mãe, máquina, Martim, mato, meio, melhor, mesma, mesmo, metade, metros, minuto, momento, Moniz, mulheres, músculo, música, neto, noturno, noite, nono, novo, nunca, nuvens, olhos, ontem, ostra, ourivesaria, ouro, pai, país, paragem, parecenças, parte, passeio, pausa, pé, peito, perigo, pescoço, pessoas, pior, piscina, pobre, porta, português, pouca-vergonha, pouco, prata, preço, prenda, prendas, primeira, problema, programa, pronto, próximos, qualquer, quinhentos e um, maneira, quase, quatro, quatro, quieto, rádio, realidade, respeito, rico, rotação, rua, sacos, são, sede, segunda, segurança, semanas, sempre, senhora, sentido, sequer, sério, situação, só, suficientes, talho, táxi, telefone, telemóvel, televisão, tempo, ténis, tipo, tirante, transporte, única, vaca, vaidoso, varredor, ventania, vento, verdadeira, vergonha, vez, vezes, via, vida, vigia, vincados, virgens, zangados, zona</p>
<p>Palavras gramaticais 78</p>	<p>à, a, algo, antes, aos, as, às, até, cima, com, como, daquele, daqui, das, depois, dessa, do, dos, dum, e, ele, em, essa, esse, esta, este, estes, eu, isso, isto, lhe, mais, mas, me, meu, mim, minha, muito, na, nada, não, nas, nem, nessa, nisso, no, nos, nós, nossa, o, onde, os, ou, outro, outros, para, pela, pelo, por, quando, quantas, que, quem, se, sim, tão, te, toda, todo, todos, tu, tua, tuas, tudo, um, uma, uns, vocês</p>

Informais 53	baril, beca, bófia, cena, curtir, duquesa, embora (embora- lá), escravos, fezada, fofó, gajo, chato, intruja, lerpar, lixar, maluco, mano, mana, meu, pá, passar, pessoal (interpelação), porro, preto, seus, queres-me + inf., tá, tás, tá-se, Tô, vá, vaipe, ok diminutivos: chamadinha, bonitinho, flautinha, devagarinho, cuidadinho, motorzinho, cabrãozinho, aumentativos: cabraço
Galicismos 4	dama, fixe, ma dieau
Bantuísmos 5	bazar, bué, cota, muamba, quizomba iá (africânder), fezada (origem portuguesa)
Italianismos 1	birra
Hispanismos 1	chaval
Anglicismos 28	<i>babe, Bayer (germ.), big, black, boss, brother, CD, Celica, cool, dread, fuck, get, man, mister, money, nigger, Nike, Levis, no problem, out, people, shi*, stamina, unlimited, white</i>
Vulgarismos 18	boca, cabraço, cabrão, ca*ar, calar, ca*alho, cu, fo*er-se, fo*ido, macaco, me*da, mi*ar, mon*as, pane*eiros, por*aria, por*a, pre*os, pu*a
Interjeições 8	ó, oh, eh, olha, psst, oi, pa
Alcunhas 12	Babilon, Cadelas, Cienta, Cosmo, Fénix, Joe, Pantera, Picapau, Predador do Schwarzenagger, Ulisses, Broche (origem francesa)

Tabela 5: Corpus da análise linguística

Curriculum Vitæ

Iva Svobodová (1975, Brno, República Checa) é professora associada com agregação, da Faculdade de Letras da Universidade de Masaryk em Brno, na República Checa. É autora de várias obras. Publicou, por exemplo, *Fatores Estilísticos do Uso do Artigo em Português Contemporâneo* (2010), *Sintaxe da Língua Portuguesa* (2014), *Morfologia da Língua Portuguesa I. e II.* (2014) ou *Linguagem e Legislação. Análise Sintático-Semântica dos Códigos Penais de Portugal e do Brasil (estudo contrastivo-textual)* (2021). Às áreas de investigação da autora pertence, igualmente, a paremiologia. A autora é membro da Associação Internacional de Paremiologia (AIP-IAP).

9255@mail.muni.cz